

EXPERIÊNCIA E NARRATIVAS LGBTs NO FACEBOOK: EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA NA PÁGINA SOCIAL DO GRUPO ARCO-ÍRIS

Autor: Fabrício Leo Alves Schmidt

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Edis 19. E-mail. fabri.1fabri@yahoo.com.br

Coautora: Marcelly Machado Cruz

Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC.Edis19. E-mail. marcellymachado13@gmail.com

Orientador: Dr. Éder da Silva Silveira

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Edis 19. E-mail. eders@unisc.br

Resumo: As redes sociais têm sido utilizadas como espaços educativos na constituição de coletivos organizados virtualmente. O “Grupo arco-íris” é um desses coletivos que reúne em sua teia virtual LGBTs e simpatizantes. Nesse espaço, diferentes escritas denunciam os problemas sociais vividos pelos LGBTs e suas principais estratégias de enfrentamento e resistência. O objetivo é compreender em que medida esse grupo se constitui como espaço de educação/(auto)formação desses sujeitos e quais motivações e processos explicam a criação e propagação desse fenômeno enquanto prática social. Consideramos as experiências individuais e coletivas, bem como as narrativas de atribuição de sentido do vivido, como elementos fundamentais para esse tipo de abordagem. Através das diferentes narrativas de cunho (auto)biográfico, o “Grupo Arco-íris” constitui-se em um espaço de inclusão, orientação e autoeducação.

Palavras-chave: narrativas, experiência LGBTs, educação, sexualidade, facebook.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas (auto)biográficas produzidas na página do *facebook* denominada “Grupo Arco-íris”. Nesse sentido, intentamos analisar aspectos epistemológicos concernentes às diferentes narrativas publicizadas nessa rede social, bem como as nuances que compõem o processo de formação desses indivíduos em um ambiente virtual. Enquanto fontes de pesquisa e formação, essas narrativas assentam na razão de ser, nas histórias de vidas, desvelando-se não apenas nos simples acontecimentos, mas sim, exteriorizando-se como forma de constituição e análise de diversos acontecimentos que nos caracterizam e humanizam (FERRAROTTI, 2014 apud SOUZA, 2006, p.32).

Por ter um sentido exploratório e valorativo, as narrativas (auto)biográficas, têm nas dimensões e concepções de sujeitos seus sentimentos, afetos e emoções dos quais são investigados na sua complexidade. Complexidade essa, que se constitui através de fracassos, resistências, subalternização e superação de alguns problemas enfrentados e de múltiplos enfrentamentos que passam a ser publicizados dentro de uma rede social.

No âmbito da educação, pesquisas que trabalham com narrativas (auto)biográficas em redes sociais (RIBEIRO, CARVALHO, SANTOS, 2018; PORTO; SANTOS, 2014), comportam uma variedade de escolhas e coletas que perpassam não só as publicizações em um campo midiático, mas, também, as mais variadas histórias de vida que compõem os sujeitos, objetos desse trabalho. Diferentes redes e mídias, atualmente, desvelam-se como grandes propagadores das histórias que compõem os mais variados sujeitos. Metodologicamente, através de uma abordagem qualitativa e exploratória, pesquisamos as narrativas produzidas no perfil denominado “Grupo Arco-íris”, para, assim, compreender em que medida o referido grupo se constitui como espaço de educação/(auto)formação e quais motivações e processos explicam a criação e propagação desse fenômeno enquanto prática social.

Resistências sociais no *Facebook*

Não é de hoje que as redes sociais servem para internalizar sentimentos e hábitos do cotidiano humano. O *facebook*, como uma rede de relacionamento *on-line*, surge com o intuito de interligar diversos sujeitos em uma condição de abreviação espaço-tempo em todo o mundo digital, conectando diferentes usuários dos mais diversos cantos do mundo, através de uma teia digital de comunicação. A relevância dessa ferramenta abriu um vasto campo de estudo até então não explorado, no qual diversos estudiosos passaram a operar seus esforços para compreender a relação homem-máquina e conectividade (CASTELL, 1999; LEMOS; LÉVY, 2010). Em meio a esse advento, surge em meados de 2004, uma das maiores redes sociais *on-line* já criadas de todos os tempos, ou seja, o *Thefacebook*. (KIRKPATRICK, 2011). Ao ingressar no *facebook* o indivíduo seleciona o que vai expor sobre si mesmo de acordo com os seus próprios interesses e com ações que o site oferece.

Lentamente, mas de forma sistemática, a antiga autodefinição do Facebook como um lugar para manter contato com pessoas que você conhece no mundo real está se tornando cada vez menos central. Para ser um “amigo” é preciso uma interação bidirecional. [...]. Mas agora há outros tipos de relações no Facebook. [...], o Facebook vai separar formalmente os três componentes exigidos para se tornar um amigo de alguém no serviço: declarar que você conhece a pessoa, dar permissão para que ela veja suas informações e pedir para ver todas as informações que ela produz (KIRKPATRICK, 2011, p. 298).

Com o crescente aumento de usuários acessando essa rede social ao longo dos últimos anos, observamos pequenas ramificações dentro dessa corrente cibernética, uma espécie

de extensão criada abstratamente dentro do próprio *facebook* denominada “*grupos sociais*”. Esses coletivos funcionam como espécie de personificação do próprio sujeito, um objeto criado abstratamente, mas com características que são abastecidas pelos usuários que se identificam por pontos em comum. Nesse sentido, as redes sociais *on-line* passaram a ser não apenas um espaço de interação entre os sujeitos que compõem o ambiente midiático, mas, sim, um espaço educativo de transformação e construção do próprio sujeito a partir de novas práticas sociais.

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas incertezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de “realidade”; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer (LOURO, 2000, p.10). Espaços onde coletivos se organizam por pontos em comum e, nesse sentido, formam um elo de formação e transformação do próprio sujeito. Portanto, por tratar-se de uma ferramenta de grande dinamismo e aceitabilidade pelos usuários, percebemos que tal instrumento, ao longo do tempo, passou a se constituir com um espaço de cyberinclusão, no qual diversos grupos passaram a usá-lo como um diário, relatando seus problemas, ânsias, desejos e inquietações.

Ferramentas de inclusão, orientação e autoeducação dos LGBTs

O uso do *facebook* como ferramenta de inclusão, orientação e educação dos grupos de Lésbicas, *Gay*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes –LGBTs– dá-se pela simples forma pela qual essa ferramenta foi desenvolvida, ou seja, para manter uma relação social de amizades, namoros, cultura, aprendizagem, etc., com diversas pessoas, em diferentes territórios e, com isso, constituir laços que identifiquem os sujeitos diante das suas múltiplas faces. Não podemos nos deter, quando falamos de redes sociais, apenas em uma característica de perfil pessoal de usuários, pois isso nos levaria ao equívoco de associá-la à possibilidade de uma identidade de usuário que fosse única ou homogênea. A rigor, o perfil dos usuários das redes sociais pode ser visto a partir da perspectiva apresentada por Stuart Hall (2005), pois, segundo ele,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13).

Também nessa perspectiva podemos abranger o perfil coletivo, quando falamos aqui de um grupo ou comunidade. Isto é, o grupo ou comunidade se forma através de características que colocam em evidência aquilo que é comum de forma a potencializar determinada representação do coletivo, embora esse coletivo seja constituído por identidades múltiplas e cambiantes e, da mesma forma, esteja em constante movimento, sendo por elas igualmente constituído.

Dessa forma, buscamos neste trabalho trazer à tona algumas narrativas de um perfil coletivo, ou seja, de um coletivo que exterioriza suas necessidades e reivindica um lugar que não seja o da abjeção e invisibilidade, utilizando-se de um espaço virtual como lugar seguro. As narrativas analisadas foram retiradas da página do *facebook* denominada “Grupo Arco-Íris” no qual é uma organização não governamental fundada em 21 de maio de 1993.

Tomamos algumas passagens encontradas no perfil do grupo que representa a busca por direitos iguais, resistência e processo de autoeducação, pois entendemos que essas três categorias são essenciais para solidez de qualquer grupo nas ações de empoderamento. Vejamos o que podemos, nos limites deste trabalho, extrair de duas narrativas do referido grupo.

É muito triste, um país que se diz, democrático, ainda lutarmos por direitos iguais, eu não passo (sic) aceitação ou aprovação, só quero respeito; As pessoas tem (sic) aprender ...todo mundo tem direito de ser feliz seja com quem for ... Independente de quem for.... (POSTAGENS NO GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014).

Nos comentários, identificamos que essas narrativas trazem consigo peculiaridades que nos dão uma ideia de reportabilidade, ou seja, nos convidam a nos reportar para fatos e acontecimentos anteriores. Ao mesmo tempo, elas nos permitem perceber a presença da ideia de ressignificação do próprio indivíduo, uma vez que existem elos em comum que os conectam. Souza (2006, p. 101) nos diz que “a escrita da narrativa como atividade metarreflexiva, mobiliza no sujeito uma tomada de consciência, por emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas impostas pelo mergulho interior [...]”.

Ao analisarmos essas narrativas, verificamos que os indivíduos partem de sentidos, significados e representações que os constituem como sujeitos. A publicização desses significados em uma mídia social nos remontam a uma ideia de autorevelação, autoproteção, autoeducação, ao passo que também causa ao indivíduo uma espécie de revelação de si,

cujo conteúdo remete à origem e às diferenças que os constitui, uma singularidade personificada através dos *posts* que essa ferramenta disponibiliza.

Nesse sentido, compreendemos que esses coletivos criados nas mídias sociais têm capacidade de estimular, mesmo que indiretamente, o empoderamento e a reciprocidade entre seus membros, fomentando a participação política, crítica e social, pois se constitui como uma ação social de cunho coletivo baseada na interação e em debates, dentro do grupo, potencializando a conscientização dos seus direitos e a reflexão sobre experiências similares.

Nessa direção, os Grupos também são criados a partir do desejo de falar de si mesmo, de construir histórias de vidas e de participar das comunidades que os ligam pelos anseios e desejos em comum. Meneghel, Farina e Ramão concordando (2005, p. 570) nos dizem que “as narrativas podem contribuir para empoderar as pessoas, ajudando-as a refletir sobre situações de opressão/dominação invisíveis, já que a força simbólica se exerce sobre os corpos diretamente e, como que por magia, sem coerção física”.

Contudo, temos que entender que essa retomada de consciência personificada pelos *bits* cibernéticos nem sempre é fácil, ao passo que existem, dentro e fora do mundo digital, mecanismos de subalternização dos quais operam em sentido oposto às resistências criadas por determinados grupos. Criam-se, portanto, na sociedade elitizada, diferentes “mecanismos” de enfrentamento, nos quais o facebook se constitui, dentre outros, em um elemento de educação/(auto)formação e resistência social.

Considerações Finais

A temática que trouxemos para a construção do referido texto possui em sua estrutura uma questão primordial: o estudo das narrativas (auto)biográficas na constituição de sujeitos individuais e coletivos, na construção de suas identidades. Ao trazer para o corpo do texto a problematização de duas dessas narrativas em um ambiente midiático quisemos, com isso, mostrar as diferentes movimentações que esse grupo faz dentro dessa teia virtual, usando-a como mecanismo de inserção, aproximação, orientação e (auto)educação.

A página social revela-se como espaço de educação e resistência na medida em que se configura como um importante espaço de construção de estratégias e instrumentos para o enfrentamento das mais diversas situações experienciadas pelos/as LGBTs em uma sociedade marcadamente opressiva com a multiplicidade dos corpos.

Nela, diferentes mecanismos são criados com o intuito de estimular o empoderamento de determinados grupos. Passa-se, nesse sentido, gradualmente, a existir uma corrente de pessoas que optam por (se) publicizar nesse novo espaço, surgindo, com isso, diversas narrativas (auto)biográficas que são utilizadas para expressar traumas argumentativos em suas vidas, ou seja, diferentes situações que determinados indivíduos ou grupos passam ao longo da vida. Dessa forma, o coletivo vivencia um novo tipo de experiência, uma experiência que usa o *facebook* como uma forma de propagação das lutas enfrentadas ao longo das décadas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M.; *A sociedade em rede* (R. V. Majer, Trad.). (Coleção A Era da InFormação: economia, sociedade e cultura, Vol. 1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, S.; *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KIRKPATRICK, D.; *O efeito do facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo* (M. L. de Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LEMONS, A., & LÉVY, P.; *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. (Coleção Comunicação). São Paulo: Paulus, 2010.

LOURO, G. L.; *O Corpo Educado: Pedagogia da Sexualidade*. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2000.

MENEGHEL.S.N., FARINA.O., RAMÃO.S.R.; Histórias de resistência de mulheres negras. Estudos feministas. Florianópolis. 13(3): 567-583, setembro-dezembro/2005.

PORTO, C. (Org.); SANTOS, E. O. (Org.). FACEBOOK E EDUCAÇÃO: publicar, curtir, compartilhar. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2014. v. 1. p, 225.

RIBEIRO, M. R. F.; CARVALHO, F. S. P.; SANTOS, R. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. ReDoC - Revista Docência e Cibercultura, v. 2, p. 1-13, 2018.

SOUZA, E. C.; *O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores*. Salvador, Bahia: Editora DP&A, 2006.

_____. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.